ISSN 2675-7281
Volume 04 - Nº 23, Outubro/2023

[CORPOS]

revista pós-pornográfica de fotografia

Esta revista leva o selo DUOCU, formado pelos artistas Bruno Novadvorski & Chris, The Red
www.duocu.art.br

editorial

Quando comecei a [pós]CORPOS, era para ser um espaço para divulgar meus trabalhos fotográficos criados sob o viés da pornografia e da pós-pornografia. Ao longo dos anos e na medida que fui avançando nos meus estudos das conexões entre arte e sexualidade, a revista foi ampliando e outros espaços foram surgindo como as colunas Corpas Falantes e Ensaios Pornossexualigráficos. No entanto, o mais importante nestes quatro anos da revista é as várias conexões feitas com artistas incríveis. Já passaram por estas páginas tanta gente

Direitos e Comprometimento:

As imagens constantes na [pós]CORPOS© são de autoria do seu criador – Chris, The Red – e por outros artistas que, gentilmente, as cederam para serem publicadas com as devidas permissões de direitos autorais.

A [pós]CORPOS© está comprometida com artistas e todos os direitos autorais estão reservados. Nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem autorização prévia por escrito do editor-chefe da [pós]CORPOS ou do artista.

Outras imagens – que possam ser utilizadas – são livres de direitos autorais. No entanto, se houver uso injusto e/ou direitos autorais violados, entre em contato.

São Paulo - SP

[pós]Corpos© é uma publicação bimestral idealizada e criada pelo designer gráfico, artista visual e fotógrafo Chris, The Red, co-fundador do DUOCU em parceria com o artista visual Bruno Novadvorski. [www.thered.com.br]
Volume 04, Nº 23, Outubro/2023 (ISSN 2675-7281)
Edição e Redação Chris, The Red **Capa** Íra Barillo (fotografia) **Ensaio Fotográfico Principal:** Íra Barillo **Corpas Falantes:** Vinicius Leite Reis **Ensaios Pornossexualigráficos:** Noah Cidreira Ribeiro **Logotipo** The Red Studio by Chris, The Red **Projeto Gráfico e Direção de Arte** The Red Studio by Chris, The Red

(e puppies tb) que considero fodonas demais, que conheci em outras cidades por onde passei, como São Paulo e Porto Alegre.
Desde ano passado, me mudei para o Rio, onde agora, estou no meu doutorado em artes na UERJ e foi lá que meus caminhos se cruzaram com estas duas pessoas incríveis que me honram muito pelas suas presenças nesta edição. Primeiro, assinando o ensaio principal, o Íra Barillo, meu companheiro de doutorado, um artista fantástico e que me deixou muito feliz quando aceitou o convite para abrilhantar as páginas com suas imagens maravilhosas. Obrigado. Segundo, assinando o texto da coluna Corpas Falantes, o Vinicius Reis, doutorando em educação na UERJ. Nossos caminhos se cruzaram pelas putarias gostosas da vida e aqui está ele com suas palavras e imagens gostosas. Obrigado. Por fim, na coluna Ensaios Pornossexualigráficos, uma alegria ter de volta, o artista e colega do NUCUS, Noah Ribeiro, com fotografias que são uma continuação do seu texto da edição de junho de 2023. Obrigado. São as trocas que engradecem e fazem a gente seguir. <3

Chris, The Red
bixa designer gráfico artista visual
fotógrafo editor-chefe

Nota do editor
Esta é uma publicação de arte e fotografia que contém cenas de nudez, sexo explícito e genitais. Consulte com cuidado caso sinta-se ofendido. Todas as imagens presentes nesta publicação são de autoria do editor/criador Chris, The Red. Assim, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem prévia autorização.

Se tiver interesse de participar como modelo nos ensaios fotográficos das próximas edições, entre em contato: conexao@duocu.art.br

Victor Rios, por Chris, The Red (Rio de Janeiro, 2023)

Agradecimentos
Íra Barillo
Noah Cidreira
Vinicius Reis

Arrebatamento

por Íra Barillo

Reúno aqui algumas fotografias feitas em cabarés, boates, praia, marchas, campi universitários, galerias de arte, blocos de carnaval, casas no interior nos últimos sete anos no estado do Rio de Janeiro. Uso da câmera fotográfica como discreta boca que devora cada detalhe das fantásticas pessoas ao meu redor, me deliciando com a criação de imagens. A fascinação que tenho pela expressão do desejo através dos corpos, pela construção imagética de si que rompe com a norma conservadora reiterada cotidianamente me faz querer guardar cada detalhe em imagens.
A sexualidade como brincadeira, protesto, arte, que se constrói como performance no palco, como bobeira entre amigues, que marcam na pele em forma de tatuagem, sendo atestado de compromisso com o prazer, me salva cotidianamente do pudor imposto por costumes hipócritas e ameaçadores.

Selina

my throat

Íra Barillo cria imagens fotográficas, colagens e bordados sobre monstros, o grotesco e performances de gênero. Natural do interior do estado do Rio de Janeiro, vive na capital onde trabalha como fotógrafe de eventos e desenvolve pesquisas artísticas e acadêmicas. É doutorande em artes (UERJ). Fez a curadoria e parte das imagens do fotolivro "Montação", publicado em 2021. Seus trabalhos em artes visuais já foram publicados em revistas e livros e expostos no Brasil e Estados Unidos, mas também podem ser encontrados pelas ruas da cidade em formato de lambe-lambes.

@irabarillo

irabarillo.com

CORPAS FALANTES

Hot Stuff[1]: Algumas Questões Acerca do Envelhecimento

Vinicius Leite Reis

1 "Hot Stuff", literalmente, significa "coisa quente". Mas, dependendo do contexto, tem sentido erótico. A canção "Hot Stuff", gravada por Donna Summer, em 1979, é um hit de sucesso da cantora negra norte-americana, diva da Era Disco. A canção também fez parte do filme "Inches" (tradução: "Polegadas"), também de 1979. "Inches" é um clássico da filmografia pornográfica gay e tinha Al Parker, ícone gay dos anos 70, como protagonista da história. (Fontes: www.imdb.com e www.wikipedia.com). Para ouvir "Hot Stuff": <https://www.youtube.com/watch?v=speR8c1g3HU&ab_channel=MADEinCEAR%C3%81>. Para assistir "Inches", acesse: <https://spankbang.com/8bde/video/inches+movie>.

Em 2019, com a ascensão da extrema direita ao poder no Brasil, Victor sentiu-se acuado como boa parte da população LGBTQIA+ neste país. O futuro era incerto, pois os discursos de ódio circulavam livremente na internet. O recém eleito presidente da república, Jair Messias Bolsonaro, afirmou em seu discurso de posse no Congresso Nacional querer "combater a ideologia de gênero"[2]. Explicitamente homofóbico, o novo presidente reforçou durante toda a sua campanha que "as minorias têm que se curvar para as maiorias"[3]. Assustador!

Foi neste contexto que Victor resolveu criar sua websérie "Victor's Secrets". Até então, o produtor de conteúdos adultos (pornoterrorista, segundo um amigo dele próximo) resolveu falar. Em suas produções, Victor, conhecido pela prática do sexo oral, falava apenas por imagens. "Como posso falar de boca cheia? É falta de educação!" brincou comigo em uma conversa. Porém, na tela do imaginário criativo (possível) do Victor, corpos variados circulavam e praticavam desejos.

2 Discurso de posse. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-cerimonia-de-posse-no-congresso.shtml Acesso em: 16 dez 2022.
3 Bolsonaro reforça declaração LGBTfóbica: "Minorias têm que se adequar". Disponível em: https://revistaforum.com.br/politica/2022/7/15/bolsonaro-refora-declarao-lgbtfobica-minorias-tm-que-se-adequar-120260.html Acesso em: 16 dez 2022.

“Certa vez, uma grande amiga me disse que eu não tinha filtro, referindo-se à essas filtragens de sites de busca. Sinceramente, acho que essa é a grande riqueza do meu trabalho”, desabafou.

Episódio “Dor e Glória”. Crédito de encerramento de “Dor e Glória”.

Victor acreditava que suas *‘práticasteorias’*[4] já eram suficientes. Que ao se relacionar sexualmente com diferentes corpos-subjetividades, um discurso libertador estaria ali implícito. Mas, em 2019, em virtude dos acontecimentos, resolveu falar: “Eu estava me sentindo sufocado. Queria espantar meu medo. Só sei combater meu medo enfrentando. E também queria conseguir assinantes para a página que eu estava lançando”. Assim, nasceu a websérie Victor’s Secrets,

4 Nas pesquisas com os Cotidianos, juntamos palavras para romper com as dicotomias criadas pelas ciências no início da Modernidade. Entendemos que as dicotomias, segundo Alves e Chagas (2022, p. 328) foram recursos necessários “a um determinado momento histórico, para fugir da fogueira das forças hegemônicas daquele tempo, mas que, hoje, representam limites ao que é preciso criar em ação e pensamento”. O termo “práticas” à frente do termo “teorias” é para indicar que “a prática é o momento primeiro, entendendo que a teoria só se cria para que melhor possamos atuar na prática”. (ALVES e CHAGAS, 2022, p. 326)

onde Victor, o protagonista, abordou os mais variados temas. Entre eles, o do envelhecimento.

A websérie foi produzida especificamente para o Twitter[5] em episódios de dois minutos e vinte segundos, em duas temporadas "oficiais", pois durante a pandemia em 2020, Victor criou uma terceira temporada com episódios "especiais". Destaco aqui os episódios "Celebridade da Internet", o sexto da primeira temporada, e o episódio "Dor e Glória"[6], o quinto da terceira temporada.

> Seguindo as provocações de Tereza de Lauretis (2006, p. 111) em relação aos arranjos teóricos queer, me proponho à construção de "outro horizonte discursivo", acompanhando movimentos que nos permitem viver/pensar a sexualidade do ponto de vista de uma erótica, não de uma 'ciência sexual'. Isto é, erotismo aqui como um deslocamento e um desarranjo das significações que são forjadas no "dispositivo da sexualidade" (Foucault, 1997 [1976]). Desta forma, a partir de cartografias do corpo eróticas, arrisco olhar as coisas desde a perspectiva de "um movimento de desconstrução dos silêncios da história e das suas construções discursivas" (Lauretis, 2006). E ao recorrer à escrita-ficção como artifício na recomposição das cenas de campo e para a tessitura do texto de análise, acredito estar operando em um registro semiótico aproximado àquilo que Foucault (2001 [1977], p. 236) denominou como a indução política diante de efeitos de verdades – onde se fabrica qualquer coisa que ainda não existe: "ficcionamos' uma história a partir de

5 O Twitter é uma rede social que permite postagens de conteúdo adulto, diferentemente de outras redes mundialmente conhecidas. Nas outras, o conteúdo adulto não só é proibido como também punido. O usuário perde sua própria conta em caso de postagens "indevidas". Já o Twitter disponibiliza ferramentas que avisam aos demais usuários sobre o conteúdo "adulto ou sensível" das postagens. Saiba mais sobre o Twitter na Wikipédia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter Acesso em 16 dez 2022.

6 A partir da segunda temporada, Victor se inspirou em títulos de filmes. "Dor e Glória" é um filme de Pedro Almodóvar. O cineasta é referência para o Victor, assim como para o autor deste texto.

> uma realidade política que a torna verdadeira, 'ficcionamos' uma política que ainda não existe a partir de uma verdade histórica". (POCAHY, 2017, p. 56)

A citação de Pocahy acima é uma pista para pensar a produção desta websérie, em especial, dos dois episódios destacados. O que o Victor criou e como ele movimenta '*conhecimentossignificações*' sobre o envelhecimento? Victor ficciona a própria vida a partir de sua realidade. É a vida como obra de arte de Foucault (SILVA, 2007) forjada nos cotidianos. É o corpo-oralidade[7] que circula nas tantas redes educativas das 'práticasteorias' que formamos e onde somos formados (ALVES, 2019). No caso do Victor, mais especificamente, das redes educativas das 'práticasteorias' pornocurriculares.

O conceito de redes educativas é fundamental para a compreensão deste artigo. Segundo Alves, as redes educativas "são '*espaçostempos*' de reprodução, transmissão e criação de '*práticasteorias*' que se articulam, permanentemente". As redes educativas mantêm, "cada uma com todas as outras - múltiplas relações que, em situações diferentes, atuam com modos diversos sobre nós e conosco". (2019, p. 115) Somos subjetivados nas redes educativas que formamos e onde somos formados. Por isso somos singulares.

Além disso, tal conceito nos mostra que a educação não está restrita aos '*espaçostempos*' oficiais/institucionais de ensino. Alves identificou oito redes.

7 Segundo Bocchetti, "o narrar-se está sempre necessariamente ancorado no corpo, seja por surgir a partir das composições que efetuam uma corporeidade em um momento específico, seja por participar ativamente de sua produção". (2022, p. 110)

São elas das '*práticasteorias*' da formação acadêmico-escolar; das '*práticasteorias*' pedagógicas cotidianas; das '*práticasteorias*' de criação e 'usos' da arte; das '*práticasteorias*' das políticas de governo; das '*práticasteorias*' coletivas dos movimentos sociais; das '*práticasteorias*' das pesquisas em educação; das '*práticasteorias*' de produção e 'usos' de mídias e das '*práticasteorias*' de vivências nas cidades, no campo e à beira das estradas.

Entendendo a pornografia como mais um '*espaçotempo*' de reprodução, transmissão e criação de '*práticasteorias*' que se articulam permanentemente, criei a noção de redes educativas das '*práticasteorias*' pornocurriculares. Costumo dizer que pornografia é que nem novela: ninguém assiste, mas sabe de tudo o que está acontecendo na história, quem são os atores e seus personagens. A pornografia chega até nós de forma direta ou indireta. Ela nos atravessa. Traz consigo todos os seus atrasos como suas potências. Nos ensina como ser homens, mulheres, submissos, ativas, passives, viris, dominadoras, dominados, mas também desviantes, insubordinados, rebeldes. A pornografia é, acima de tudo, da ordem da produção de subjetividades.

A todo momento flertamos com a norma e buscamos nos desviar dela. Acredito que a websérie do Victor está inserida, de alguma maneira, numa lógica pós-pornô, pois

> não busca representar toda a verdade do sexo, mas questionar os limites culturais que separam a representação pornográfica e a não pornográfica, assim como os códigos visuais que determinam a normalidade ou a patologia de um corpo ou de uma prática. Trata-se, finalmente, de inventar outras ficções visuais que modifiquem nosso imaginário coletivo. (PRECIADO, 2019, p. 107)

Em “Celebridade da Internet”[8], é noite. Victor, 45 anos, está nu diante do espelho. Uma versão mais lânguida da canção “Toxic”[9] compõe a narrativa. Victor observa sua imagem no espelho. Ele seduz a própria imagem refletida como a icônica Nazaré Tedesco[10], fuma, e começa a observar as marcas do tempo no próprio rosto. Ouvimos, então, os pensamentos dele: “Ai, o corpo... Ai, o tempo... O tempo que detona o corpo. É pressão alta, é o peso, nem a visão já é mais a mesma”. E geme com um certo pesar.

Cena do episódio “Celebridade da Internet”. Victor se encara no espelho.

Na sequência, vislumbramos as memórias do Victor. Suas memórias, representadas como um filme velho, são cenas de práticas sexuais de vídeos antigos.

8 Primeira temporada, episódio 06: Celebridade da Internet. Disponível em: https://twitter.com/sexogostosorio2/status/1112912887432003584 Acesso em: 18 dez 2022.
9 “Toxic” foi originalmente interpretada pela cantora estadunidense Britney Spears em 2003.
10 Em 2004, a atriz Renata Sorrah interpretou Nazaré Tedesco na telenovela Senhora do Destino, de Agnaldo Silva. A vilã tinha o hábito de se olhar no espelho e dizer coisas para si, por exemplo: “Gostosa. Irresistível. Impressionante como o tempo só te valoriza”. Cena disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9V9gO_td_q8&t=10s&ab_channel=JefersonOliver. Acesso em 18 dez 2022.

Cena do episódio “Celebridade da Internet”. Victor se relaciona com homens diferentes.

Nestas imagens, podemos ver um Victor mais jovem, de cabelos negros.

Cena do episódio "Celebridade da Internet". Victor, mais jovem, apronta na praia de nudismo.

A imagem refletida de um Victor totalmente grisalho volta a pensar: "Ai, o corpo modifica, mas esse fogo que não apaga nunca". Neste momento, Victor está questionando seu próprio desejo enquanto outras memórias invadem a tela.

O corpo-desejo é artificialmente forjado, assim como nossas subjetividades. Segundo Preciado,

> A verdade sobre o sexo não é uma revelação, é sexdesign. O biocapitalismo farmacopornográfico não produz coisas, e sim ideias variáveis, órgãos vivos, símbolos, desejos, reações químicas e condições de alma. Em biotecnologia e pornocomunicação não há objeto a ser produzido. O negócio farmacopornográfico é a invenção de um sujeito e, em seguida, sua reprodução global. (PRECIADO, 2018, p. 38)

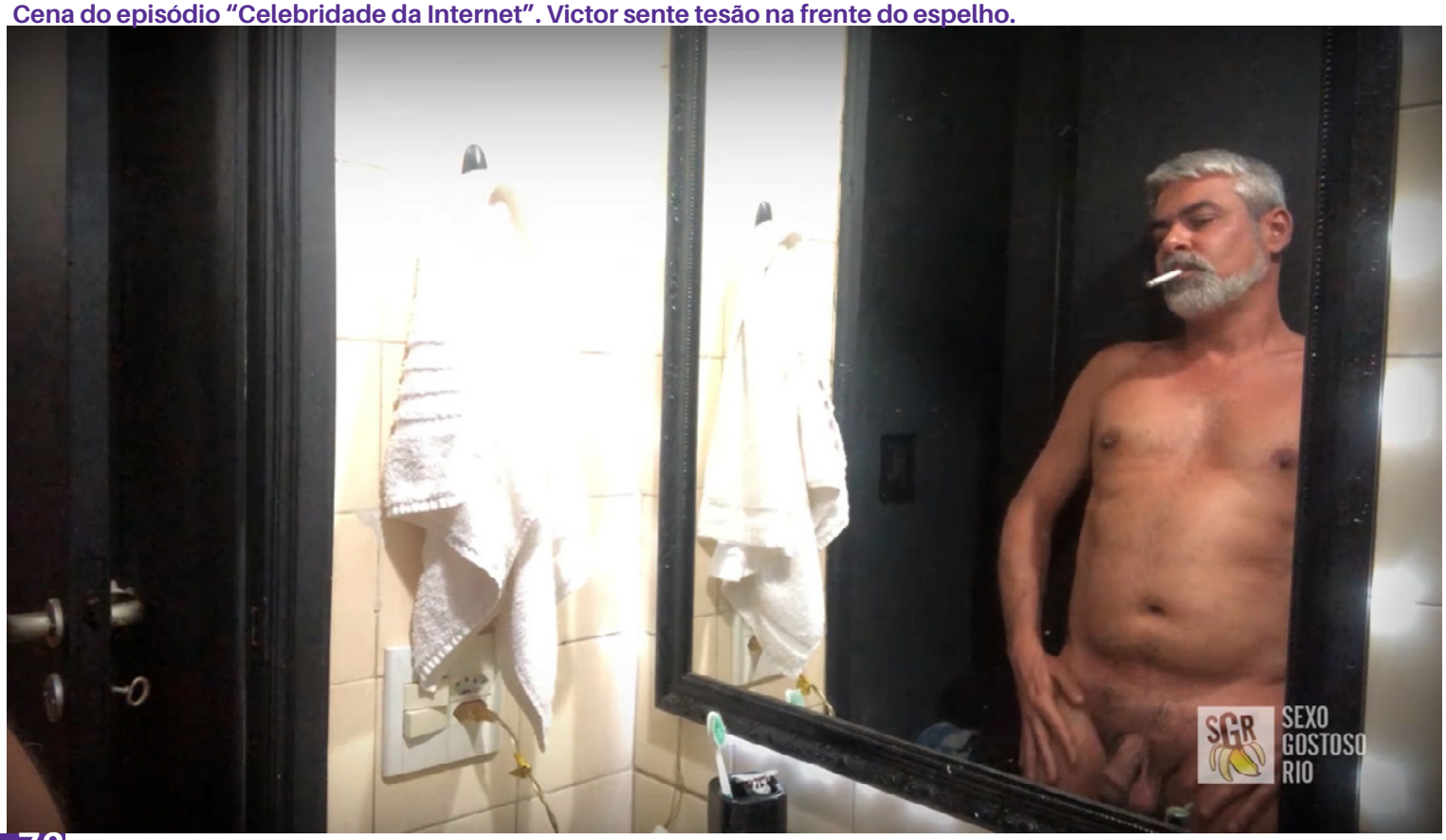
Cena do episódio “Celebridade da Internet”. Homem retira a cueca do Victor.

Cena do episódio “Celebridade da Internet”. Victor faz sexo anal.

O corpo precisa de manutenção sempre. Desde a alimentação infantil, passando pelas vacinas que potencializam o corpo, aos tratamentos dentários, hábitos de higiene, enfim, assimilamos tais práticas de manutenção do corpo a ponto de naturalizá-las. Entretanto, é na "melhor idade" que tais práticas parecem ficar mais evidentes. Os cuidados com a saúde da população idosa são frequentemente abordados nos noticiários. São iniciativas que vão desde as campanhas das secretarias de saúde, quanto à criação de espaços públicos para a prática de exercícios voltados à terceira idade. E quanto mais avançamos na idade cronológica, mais sujeitos estão os sujeitos à tutela do Estado ou da família. As ficções sobre o envelhecimento são muitas. Consideramos a perda da autonomia a mais fatal de todas.

Porém, nem tudo é ficção. O Alzheimer é uma doença que atinge aos idosos e uma das quais que promove a perda de autonomia dos sujeitos. Não encontrei o

Cena do episódio "Celebridade da Internet". Victor sente tesão na frente do espelho.



original, mas vou manter aqui o que guardo de memória: certa vez, o médico Drauzio Varella fez uma crítica ao baixo número de pesquisas sobre o Alzheimer em relação ao número de pesquisas sobre a sexualidade humana. O Viagra era a grande novidade do momento. Pelo que lembro, Varella disse: “no futuro teremos velhas peitudas (com silicone) e velhos de pau duro que não sabem para o que servem aquilo”. Foi mais ou menos assim.

Cena do episódio “Celebridade da Internet”. Victor percebe que seu corpo se modifica.

As memórias aqui narradas, sejam as minhas ou do Victor, meu interlocutor, devem ser "compreendidas na dimensão do sensível e inacabado, na rasura entre a realidade e a invenção, no entendimento da rica pluralidade imaginativa, estética e cognitiva do mundo". (EMILIÃO, 2022, p. 260)

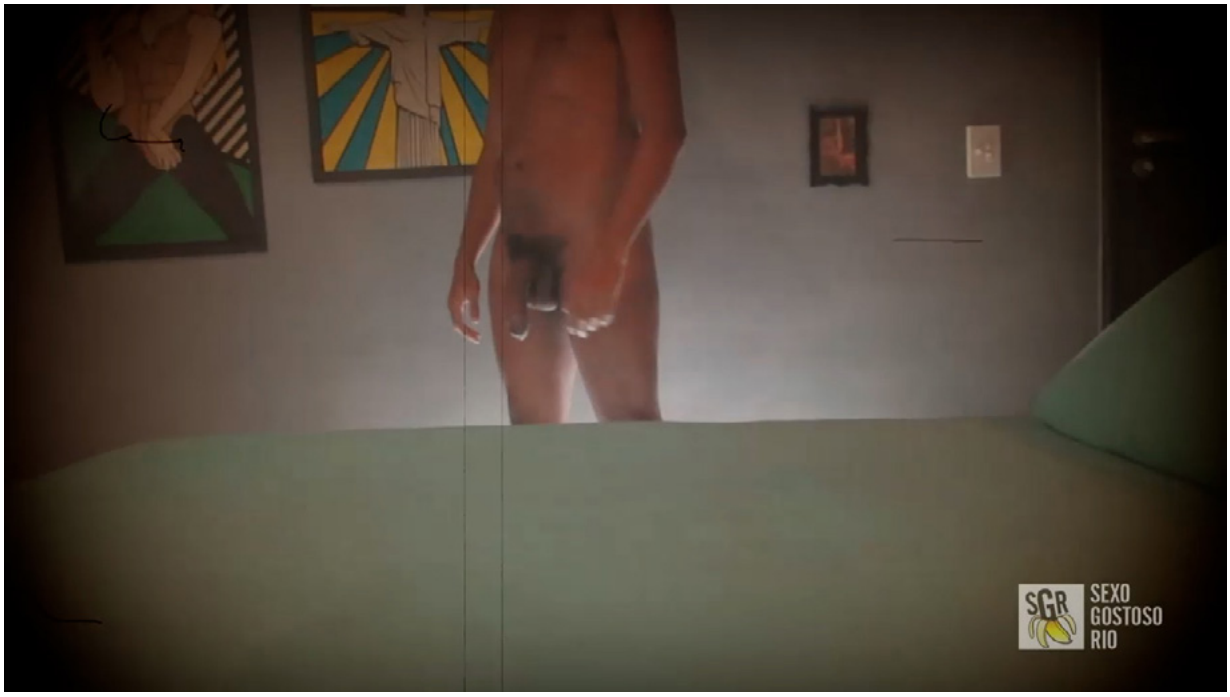
Victor, entre memórias e pensamentos, encerra o episódio "Celebridade da Internet" com flashes onde ele dirige seus parceiros. Neste ato de direção, as coisas não dão muito certo. Um se diz míope, outro está mal posicionado no enquadramento da câmera, um outro ri...

Victor reaparece com uma xícara de café, olha para a câmera e diz: "E tem dias que eu não tenho a menor paciência com quem está começando". Uma clara referência ao que disse a atriz Suzana Vieira (já idosa) em entrevista ao vivo[11]. A frase virou meme.
Nos créditos finais, ouvimos a trilha de abertura da telenovela Celebridade.

Percebo os vídeos do Victor como uma grande colcha de retalhos. Uma tessitura de registros imagéticos, canções, fabulações e referências. Victor edita suas memórias numa ilha de edição, assim como editamos nossos textos em nossas pesquisas com os cotidianos. A memória narrada será sempre uma fabulação.
É potência do Falso! (DELEUZE, 1985)

Em "Dor e Glória"[12], Victor retoma o tema do envelhecimento a partir de um procedimento cirúrgico

11 Suzana Vieira, em 2009, "arrancou o microfone das mãos da repórter Geovanna Tominaga, 42, do Vídeo Show: 'Não tenho a menor paciência para uma pessoa que está começando', ralhou, encerrando uma entrevista ao vivo". Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2022/08/susana-vieira-80-anos-12-frases-da-atriz-que-nao-tem-paciencia-para-quem-esta-comecando.shtml Acesso em: 18 dez 2022.
12 Terceira temporada, episódio 05: Dor e Glória. Disponível em: https://twitter.com/sexogostosorio2/status/1317443322076680192 Acesso em: 20 dez 2022.



Cena do episódio "Celebridade da Internet". Victor dirige diferentes parceiros.

Cena do episódio "Celebridade da Internet". Victor diz que não tem paciência para seus espectadores.

pelo qual passou. O título do episódio é homônimo ao filme do diretor espanhol Pedro Almodóvar cujo tema é, também, sobre o envelhecimento.

O episódio começa com Victor saindo do hospital. Ouvimos os acordes de uma música melancólica. É importante ressaltar que o Victor foi internado em 2020, no meio da pandemia da Covid-19 e que as vacinas ainda não existiam. A vacinação no Brasil só começou em 17 de janeiro de 2021. Neste episódio, Victor cita Carlos Drumond de Andrade: "no meio do caminho tinha uma pedra". E diz, na sequência, que no caso dele foram duas, por isso quebrou a quarentena para retirar duas pedras do rim.

O relato se apresenta intercalado com a voz melancólica de Aldir Blanc: "Num dia azul de verão sinto o vento/ Há folhas no meu coração...". Victor diz: "o tempo é implacável com o corpo". Aldir ressalta na canção: "É o tempo...". Victor complementa: "meu

Cena do episódio “Dor e Glória”. Victor, no quarto do hospital, após o procedimento cirúrgico.

Cena do episódio “Dor e Glória”. Victor saindo do hospital após procedimento cirúrgico.

corpo, o tempo e minhas memórias". Neste episódio, o tempo não é linear. Toda ação se passa entre a saída do hospital e o deslocamento do Victor dentro do carro. Entretanto, o passado e o futuro se misturam no presente. É a canção "Resposta ao Tempo" que une os '*espaçostempos*' no tempo da narrativa.

> O discurso, aparentemente, pode até nem ser nada de por aí além, mas no entanto, os interditos que o atingem, revelam, cedo, de imediato, o seu vínculo ao desejo e o poder. E com isso não há com que admirarmo-nos: uma vez que o discurso — a psicanálise mostrou-o —, não é simplesmente o que manifesta (ou esconde) o desejo; é também aquilo que é objecto do desejo; e porque — e isso a história desde sempre o ensinou — o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-nos. (FOUCAULT, 1971, p. 03)

A canção "Resposta ao Tempo" é, digamos assim, a resposta do "Vento" para o "Tempo"[13]. Entretanto, o Tempo e o Vento constituem o mesmo ser. No episódio, as memórias do Victor são ativadas em preto e branco.

Ele está com um mesmo rapaz em diferentes momentos orgásticos. Enquanto isso, na canção, o Vento diz sobre o Tempo: "E gira em volta de mim/ Sussurra que

13 A canção "Resposta ao Tempo" foi composta por Cristovão Bastos e Aldir Blanc e sua primeira gravação foi na voz de Nana Caymmi em 1998. A versão que Victor usou na websérie é uma gravação do próprio Aldir Blanc em 2005. A música também fez parte da abertura da minissérie "Hilda Furacão" produzida pela Rede Globo em 1998. Para saber mais sobre a canção, acesse: https://www.cartacapital.com.br/cultura/resposta-ao-tempo-cancao-prece-de-cristovao-bastos-e-aldir-blanc/ Acesso em: 19 dez 2022. Se você só conhece a versão da Nana e quer ouvir a gravação de Aldir Blanc, acesse: https://www.youtube.com/watch?v=khuiiGokkxo&ab_channel=Cristov%C3%A3oBastos Acesso em: 19 dez 2022. Aldir Blanc faleceu por complicações da Covid-19 em 4 de maio de 2020.

Cena do episódio “Dor e Glória”. Victor e seu amante.

Cena do episódio “Dor e Glória”. Victor em êxtase com a ejaculação do amante.

apaga os caminhos/ Que amores terminam no escuro/ Sozinhos".

Ainda, em memória, Victor aparece no quarto do hospital sozinho, no soro, e diz que está tudo bem.

Cena do episódio "Dor e Glória". Victor durante a internação.

A partir deste momento, a resposta ao Tempo pelo Vento na canção passa a ser intercalada com falas do Victor. Vento: "Respondo que ele aprisiona/ Eu liberto". Victor: "Mas não há nada como o tempo". Vento: "Que ele adormece as paixões/ Eu desperto". Victor: "E toda dor passou".

Neste momento, as memórias em preto e branco com o rapaz são substituídas por outras coloridas, vívidas, que representam (talvez) um futuro com aquele mesmo amante. Vento: "E o Tempo se rói/ Com inveja de mim/ Me vigia querendo aprender/ Como eu morro de amor/ Pra tentar reviver".

Cena do episódio “Dor e Glória”. Victor relembrando seu passado.

Cena do episódio "Dor e Glória". Victor com seu amante no presente (ou futuro).

Agora vemos o Victor de volta ao carro. Ele usa máscara, medida sanitária para tentar combater a transmissão da Covid-19. Ele fecha os olhos, retira a máscara, respira aliviado, olha para o lado, depois fixa seu olhar para frente.

Cena do episódio "Dor e Glória". Victor retira a máscara e respira aliviado e vislumbra um futuro incerto.

Depois da dor, Victor ainda vislumbra um horizonte adiante. "No fundo é uma eterna criança/ Que não soube amadurecer/ Eu posso, ele não vai poder/ Me esquecer" – encerra, a canção, o episódio.

Tomávamos um café espresso, um vício meu e do Victor, quando perguntei pra ele: como foi seu processo de criação e produção da websérie?

> Minhas produções não tem recurso, financiamento, nada disso. Eu vou aproveitando e registrando os momentos que a vida me proporciona. Quando eu estava no hospital, gravei aquela mensagem para a minha família. Quando eu estava no carro, registrei aquele momento de alívio. Mas foi assim, aleatório. Eu sabia que eu queria falar sobre aquele processo de internação, mas não sabia ainda como, pois eu estava passando por ele. Pouco antes de tudo acontecer, aquelas semanas de sofrimento com um cateter enfiado na minha buceta (na hora de escrever coloca bexiga, por favor), eu havia reencontrado aquele rapaz que aparece no episódio depois de alguns anos. Uns quatro anos! E em algum momento eu paro e vou juntando tudo o que eu tenho de imagens, mais as canções, os sons, enfim, tudo aquilo que pode me servir para contar uma historinha. É uma grande composição de casualidades, de coisas já existentes.

Neste momento, sentí-me próximo ao Victor. Como pesquisador, eu me perguntava: como compor uma tese? Criando!

> Fazemos ficção não por acreditar que a pesquisa seja um processo que produz mentiras – ou um ciclo eterno de relativizações –, mas por entendermos que o estabelecimento de verdades (por meio da ciência) será sempre uma aposta arbitrária e temporária. Ficcionalizar a ciência – ou literaturizar, narrando a vida (ALVES, 2015) – nos serve como tática para a

> circulação dos saberesfazeres científicos, para além das salas da aula e da Academia. Investe-nos, enquanto pesquisadores, de voz autoral que pode ser expressa artisticamente, potencializando nossos corpos, autorizando-os aos atravessamentos, à comunhão com os nossos interlocutores e à consideração de nossas biografias como fios condutores legítimos de nossa escrita científica – algo que Conceição Evaristo (2008) nomeia escrevivências, reconhecendo que toda a expressão cultural é sempre ética, estética e política. Ao literaturizar a ciência precisamos reconhecer que todas as redes que formamos e nos formam, se articulam em nós e nos transformam em ilhas de edição do que vai ser dito, produzido, criado. (NOLASCO-SILVA; REIS, 2021, p. 05)

Ao abordar o tema do envelhecimento na websérie, Victor demonstra que tal questão o atravessa. O corpo-desejo produzido ao longo dos anos está atento às mudanças. Sabemos que são várias as ficções acerca do envelhecimento, entretanto, definitivamente, Victor não está alinhado à canção de Nora Ney[14] que dizia: "E hoje, descrente de tudo/ Me resta o cansaço/ Cansaço da vida/ Cansaço de mim/ Velhice chegando/ E eu chegando ao fim". Victor ainda vislumbra um futuro. Incerto, mas um futuro. A sensação que passa é que, enquanto houver vida em Victor, "estão rolando os dados. Porque o tempo, o tempo não pára"[15]. Olha ele aí de novo: o tempo! Como pensar sobre o envelhecimento sem considerar o tempo? O tempo que é duração, mas também ação, movimento, deslocamento, suspensão,

14 A canção "Ninguém me ama", composta por Antônio Maria e Fernando Lobo, ficou famosa na voz da cantora Nora Ney em 1952. Quer dramalhão? Ouça a música em: https://www.youtube.com/watch?v=S4bIopAIr4E&ab_channel=NoraNey-Topic Acesso em: 20 dez 2022.
15 Referência à canção "O tempo não para" de Cazuza. A música foi título do álbum lançado em 1988. Depois, em 2004, foi título do filme sobre o cantor e compositor, com direção de Sandra Wernec e Walter Carvalho. Quer ouvir Cazuza? A canção está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_Jcn10liuu4&ab_channel=CazuzaVEVO Acesso em: 20 dez 2022.

simultaneidade, presente, passado, futuro, enfim, múltiplas temporalidades. Assim como são múltiplos os '*espaçostempos*' que habitamos com nossos corpos-oralidades-sujetividades enredados nas tramas das ficções normalizantes que tentam nos moldar em comportamentos desejáveis, aceitáveis, convenientes (CERTEAU, 2013).

Num recente encontro com o Victor, ele me relatou uma experiência curiosa. O tema, claro, sobre o envelhecimento:

> Da mesma forma que você faz pesquisa, eu também faço. Outro dia fui num parque. Não vou falar qual. Mas lá estava rolando pegação analógica. Eu nem sabia que estas coisas ainda aconteciam depois dos aplicativos de pegação. Enfim, eu estava lá, em campo, observando o movimento. Aí, chegou uma hora que eu precisei interagir. Tinha um cara lá grandão, parrudão. Eu adoro! Aí cheguei perto e começamos a interagir. Rolou beijo, peguei na mala dele e tal. Até aí tudo normal. Em determinado momento ele me dedou. O beijo rolando, clima quente, tudo no sapatinho, no escurinho. Era noite já. Enfim, num determinado momento ele me disse: adoro viado velho. Gente! O cara estava com o dedo dele no meu cu e me chamando de viado velho em praça pública. Viado velho! Respirei fundo e perguntei: qual sua idade? Ele me respondeu: 43. Pensei: tenho 48 anos e ele 43. O que eu poderia dizer depois daquilo? Olhei nos olhos dele e disse: você é um coroa muito gostoso e safado. [Victor olhou para mim com os olhos esbugalhados] Que descarado!

Victor sabe que seu corpo tem limitações, não dá conta de tudo, de todas as questões sobre o envelhecimento.
Mas é com ele que, ao se movimentar, vai tecendo/propondo/criando '*conhecimentossignificações*' sobre o envelhecimento, o desejo, a vida. Uma vida, como tantas outras, que resiste e insiste em dizer que merece ser vivida (BUTLER, 2018).
Porém admite, como ele próprio disse no episódio "Celebridade da Internet", que "envelhecer não é para os fracos, mas é para todos!".

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Práticas pedagógicas em imagens e narrativas: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje. São Paulo: Cortez, 2019.

_____. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: GARCIA, Alexandra; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. (Orgs). Nilda Alves: Praticantepensante de cotidianos. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

_____; CHAGAS, Claudia. Práticasteorias. In: REIS, Graça; OLIVEIRA, Inês Barbosa de; BARONI, Patrícia. (Orgs). Dicionário de pesquisa narrativa. Rio de Janeiro: Ayvu, 2022.

BOCCHETTI, André. Corpo-oralidades. In: REIS, Graça; OLIVEIRA, Inês Barbosa de; BARONI, Patrícia. (Orgs). Dicionário de pesquisa narrativa. Rio de Janeiro: Ayvu, 2022

BUTLER, Judith. Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CERTEAU, Michel de.; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DELEUZE, Gilles. A imagem-tempo. São Paulo: Brasiliense, 1985.

EMILIÃO, Soymara. Narrativas docentes. In: REIS, Graça; OLIVEIRA, Inês Barbosa de; BARONI, Patrícia. (Orgs). Dicionário de pesquisa narrativa. Rio de Janeiro: Ayvu, 2022

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Disponível em: https://www.scribd.com/document/2520353/Michel-Foucault-A-Ordem-do-Discurso# Acesso em: 19 dez 2022.

NOLASCO-SILVA, Leonardo; REIS, Vinicius. Currículos fabulados, gênero encenado e a audiovisualização da ciência. Seminário Internacional Fazendo Gênero 12 (Anais Eletrônicos): Florianópolis, 2021. Disponível em: https://www.fg2021.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/fg2020/1613611175_ARQUIVO_d3748bf0e4889fcb1799a5dd18b7dfb6.pdf Acesso em: 20 dez 2022.

POCAHY, Fernando. Entre vapores e dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento. Salvador: Devires, 2017.

PRECIADO, Beatriz. Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 Edições, 2014.

_____. Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições, 2018.

_____. Um apartamento em Urano: crônicas do cárcere. Rio de Janeiro: Schwarcz S.A., 2019.

SILVA, Stela Maris da. A vida como obra de arte. Revista Científica/FAP, Curitiba, v.2, p. 191-200, jan./dez. 2007. Disponível em: https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/1731 Acesso em: 20 dez. 2022.

Vinicius Leite Reis é radalista. Doutorando e Mestre em Educação - ProPEd/UERJ. Integrante do Grupo de Pesquisa CUNADI/CNPq/UERJ - Currículos, Narrativas Audiovisuais e Diferença, do Laboratório Educação e Imagem do ProPEd-UERJ. Professor de Pós-Graduação lato sensu no curso de Tradução Audiovisual da Universidade Estácio de Sá.

@viniciusreisrj

ENSAIOS PORNOSSEXUALIGRÁFICOS

Suspiros com lágrimas de pólen 2.

por Noah Cidreira Ribeiro

O presente ensaio é uma segunda tentativa de divulgar uma obra censurada, realizada como parte da mostra brasiliense “Tubo de Ensaio” Por ter sido removida por nudez, não é possível encontrar facilmente registros dela onde encontram-se registros de outras obras participantes do mesmo evento. Por este motivo, e pela aderência ao tema da revista [pós]CORPOS, acredito poder contribuir artistica e culturalmente. “Suspiros com lágrimas de pólen 2” é uma seleção de Stills fotográficos, registros de uma performance que se tornaram obra. As imagens falam por si.

Reuni
Universidade de

Noah Cidreira Ribeiro. Noah Cidreira Ribeiro, é doutorando em Cultura e Arte pelo programa interdisciplinar em Cultura e Sociedade (Pós-cultura) da Universidade Federal da Bahia(UFBA), mestre em Poéticas Transversais pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade de Brasília (UNB). Integra o grupo de pesquisa" Para dilatar o tempo: experiência, narrativa visual e o alargamento do dispositivo fotográfico" e o Núcleo de pesquisa e extensão em Culturas Gêneros e Sexualidade, NuCus . É Bacharel em Artes pela Universidade de Brasília com formação concluída em 2016. Foi professor substituto no programa de teoria, crítica e História da Arte da Unb e fez parte dos coletivos Corpos Informáticos, Residentes Volantes e 40 antenas. Possui exposições em galerias do Brasil e Exterior, com obras publicadas em revistas nacionais e internacionais.

@noahempessoa

linktr.ee/noaharte

Tem um ensaio pornossexualigráfico (pornográfico, erótico, pós-pornográfico, explícito, metafórico e afins)? Envie seu ensaio entre 05 a 10 imagens e se ele for aprovado, será publicado em uma das edições da [pós]CORPOS.

Acesse e preencha o formulário:
https://forms.gle/Fsbu8BpnWDDGu3iYA